

DESESPERO, ESPERA, ESPERANÇA

Aline Sant'Anna Ferreira da Silva

Desde o início de 2022, frequentemente, me pergunto se a pandemia acabou. Penso que esse acontecimento catastrófico e global, que não poupou nenhum de nós, de alguma maneira, se atenuou. Hoje, vemos ao nosso redor muitos espaços de vida preservados, com encontros e reencontros acontecendo fora da tela. Voltamos, enfim, a respirar sem o pavor iminente de ficar sem ar. Não podemos dizer que a pandemia está acabando ou apenas nos dando uma trégua, com novas ondas de contaminação mais branda, mas fica claro que os dias mais asfixiantes não são os presentes, restando a memória do que passou e do que se passou, em cada um de nós. Elaborar a experiência desse tempo distópico é o trabalho que nos cabe, agora, realizar em nosso mundo interno.

Em meu arsenal de memórias desses tempos recentes, uma se destaca: o encontro inesperado com Esperança. Era noite, março de 2021, e Esperança invadiu meu quarto. Na ocasião, vivíamos dias dramáticos, com recordes sucessivos no número de mortos por covid-19, chegando ao absurdo de 4 mil mortes diárias. O clima era de medo da morte, luto, desamparo. Mas ela, Esperança, estava muito viva! Foi se aproximando, passo a passo, salto a salto, entrou sem ser convidada, esverdeou de beleza meu quarto e me deu um susto. Dar de cara com Esperança naquela noite foi espanto e alento.

Esperança chegou até mim invadindo meu espaço. Ela não estava em seu habitat natural, não estava camuflada numa folha, mas pousada num portal de madeira, destacando-se do ambiente à sua volta. Temi que ela pulasse em minha direção, ampliando o susto, já imenso. Ao lado do temor, repousava um encantamento: seu verde radiante,

sua delicadeza, há tempos não via uma. Fui passando de um estado assustada a um estado hipersensível, quase epifânico, tentando encontrar um sentido para aquela visita. Pensei: “Ela escalou vários andares de um prédio para chegar aqui! Não pode ser um acaso.” Fiquei muito tempo parada, contemplando Esperança, também meu sentir e pensar diante dela.

Não sabia o que fazer com a aparição de Esperança, e por uns dias me ocupei com pensamentos sobre sua visita inusitada. Era como se houvesse algum sentido mágico naquilo. A palavra esperança ficou reverberando em mim como um tic-tac de relógio: esperança-esperança, esperança-esperança. Nos caminhos de pensar que percorri, me ocorreram algumas frases comuns: *A esperança é a última que morre. Enquanto há vida há esperança.* A palavra esperança foi se desconstruindo e se reconstruindo num fluxo intenso de ideias.

Passado um tempo, os fragmentos pensados fluíram e se agregaram na construção de conjecturas sobre as peculiaridades desses

Seio bom.

Ano: 2022.

Por Aline
Sant'Anna
Ferreira da
Silva



tempos pandêmicos, quando a morte nos assombrou, para além do que já conhecíamos como risco ou ameaça. Tomada alguma distância do instante epifânico, percebo que a busca por atribuir um sentido àquela experiência foi especialmente forte em mim. Talvez, naquele momento desértico, eu tenha precisado da ilusão de um oásis para aplacar minha sede de vida, assim como um bebê alucina o seio da mãe, enquanto a espera. Precisei dessa experiência, fomentadora de sentido, para suportar a espera por dias melhores. E Esperança seguiu passeando, vez ou outra, pelas minhas ideias; recentemente, me fazendo pensar no inesperado e na espera. Quantas e quão longas foram as esperas vividas nesses dois anos de pandemia? Cada um sabe das suas.

Na *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 54, n. 3, 2020, encontrei um artigo com o título “Desesperar, jamais: algumas reflexões sobre o trabalho clínico psicanalítico durante a pandemia”. Nesse texto, o autor Tiago Sanches Nogueira diz: “Propomos um nome para o principal afeto despertado pela ameaça do coronavírus, o *des-esperar*.”

Ligado a esse estado de espera que nos parece perpétuo à primeira vista, o *des-esperar* diz respeito ao não poder esperar a espera que nos foi imposta” (p. 120).

Nessa espera, imposta pela pandemia, houve particularidades que amplificaram o risco de *des-esperos*, em especial, o medo da morte. No entanto, esperar é inerente à vida e nossas esperas progressas, registradas na memória e nos traços mnêmicos, compareceram nesse momento pandêmico, sendo um substrato possível para fazermos frente ao inesperado ou reabrindo feridas das duras esperas já vividas.

Divago pensando nas tantas esperas da vida humana.... Uma mulher grávida, que abriga um novo ser, espera. Espera por longos e efêmeros nove meses, para que o tempo e seu corpo deem forma e força ao rebento, no trabalho visceral de gestar. E o bebê, espera por algo enquanto se constitui no ventre? Misterioso psiquismo pré-natal, sobre o qual supomos muito e sabemos um pouco. Acreditamos haver onipotência nesse espaço de tempo em que, hipoteticamente, nada falta.

Mas o útero se apequena diante do crescimento do bebê e lhe falta espaço. Para

seguir com sua vida, o pequeno ser precisa encontrar uma saída. Ele começa então a buscar caminhos, se encaixa, recebe pressões e culmina sendo *expulso do paraíso* pelas contrações uterinas. Parir é o gesto máximo de uma gestante: (im)põe fim ao feto e faz nascer o bebê.

O bebê, por sua vez, se depara, inesperadamente, com seu nascimento e se desespera. Mas também espera, precisa esperar. E espera pressupõe incompletude, falta. Assim começa a vida aqui fora: entre desesperos e esperas; recém-nascido precisando de um outro – adulto – para suportar a avalanche sensorial e pulsional que ameaçam inundar seu ego arcaico; esperas iniciais potencialmente dilacerantes.

Se o colo, o leite e o amor comparecem num ritmo suficiente para aplacar as angústias mais primitivas do bebê, engendra-se alguma esperança em seu mundo interno.

Compreendo que a esperança, enquanto possibilidade de esperar, é essencial para a manutenção da integridade psíquica e assemelha-se ao conceito de *introjeção do seio bom*, de Melanie Klein, quando o objeto interno é capaz de trazer contorno e contenção para os estados de ameaça ao psiquismo.

Ninguém sabe se a pandemia irá embora, e a dureza desse não saber habita nossa vida e nossos consultórios. Seguimos na escuta e nas esperas.



Aline Sant'Anna Ferreira da Silva é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.